

O BERÇO da CREI

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 78-1.
Impressão: Tip. Minerva — Villa Nova de Famalicão

UNIDADE NACIONAL

A' MARGEM

NESTA hora sombria e conturbada da vida dos povos, em que uma ofensiva anárquica e dissolvente se propõe quebrar a continuidade histórica de uma civilização secular, cimentada no sangue dos nossos avós — impõe-se a unidade nacional, firme, tenaz e enérgica.

O amor ao torrão natal, alheado dos altos e sagrados interesses nacionais, é um patriotismo exclusivista, doentio e amorfo, que não se compadece nem se harmoniza com a atitude imperiosamente exigida aos portugueses, ante a «provocação» que a Rússia projecta contra Portugal e que o insuspeito diário francês Le Matin denunciou.

O amor à terra é uma parcela do amor à Pátria, por isso voltamos a repetir, não podemos compreender regionalismo sem nacionalismo.

«Sem coesão e sem união não salvaremos a Pátria.»

Estas palavras expressivas traduzem uma verdade clara.

Neste momento em que se exige a «União Nacional», forte, tenaz e inabalável, esqueçamos as retaliações que degradam e as pequenas questiúnculas que deprimem; calquemos, essencialmente, os personalismos doentios, para unificados numa só vontade, constituirmos barreira intransponível a qualquer enxerto degenerado, de origem estrangeira, no corpo da Pátria.

Unidade Nacional enérgica e aguerrida, ante a ofensiva dos «coveiros» da honra das famílias e da espiritualidade da nossa civilização latina e cristã — eis a boa doutrina, a ordem de comando da nossa geração.

Só assim, integrados na obra governativa do Poder Central, prestigiaremos a terra — mater do nacionalismo e prepararemos o advento da satisfação das nossas velhas aspirações.

Política regional sem o sopro da fé nacionalista a dinamizá-la, é uma actuação falsa e incoerente.

Agrupados à volta do Estado Novo, símbolo augusto de uma política redentora, nesta hora grave da vida internacional, dignificaremos a nossa qualidade de portugueses e revestiremos, simultaneamente de prestígio, o nosso nome de vimezanenses.

Unidade vimezanense, integrada na unidade nacional — eis a norma.

A primeira, sem a segunda, é atitude balofa e acomodaticia, própria dos incolores, que não se harmoniza com o alto Interêsse Nacional.

Enveredemos pelo caminho da recta razão e do sã patriotismo, enquanto é tempo.

«A caso esqueceram já a desordem e a anarquia do passado? E' bom que se lembrem que se amanhã, por um absurdo do destino, a ordem social se subvertesse em Portugal — seriam eles — tanto como nós, as primeiras vítimas, e então seria já tarde para se arrependem no seu crime de lesa-Pátria.» Palavras do último discurso do Dr. Mário Pais e Sousa, ilustre ministro do Interior.

Eles, por nós sublinhado, são os indiferentes, os neutros, os incolores, os regionalistas, os bons burgueses e excelentes conservadores.

*

* *

Pretender criar a unidade vimezanense, confinada exclusivamente no âmbito regionalista, sem ligação com a política de unificação nacional do Estado Novo, nesta hora decisiva, em que se chocam duas civilizações, a eslava e a latina, é atitude que não se harmoniza com oito séculos de história, nacionalista e cristã.

E' um crime que a Pátria não perdoará.

Duas sessões de vulto se realizaram há duas semanas; uma na Capital, na Academia das Ciências de Lisboa, inaugurando uma série de conferências promovidas pelo Ministro das Colónias, sr. dr. Francisco Vieira Machado, consagradas a fomentar o interêsse pelo Império Ultramarino Português; a outra na Capital do Norte, no Palácio Cristal do Porto, organizado pelos empregados bancários, sessão de propaganda corporativa presidida pelo ex.^{mo} sr. Sub-secretário das Corporações, dr. Manuel Rebelo de Andrade.



Da primeira arquivamos extractos do discurso do ex.^{mo} sr. Ministro das Colónias e do ex.^{mo} sr. dr. Agostinho de Campos que abriu esta série de conferências.



«A obra colonial portuguesa foi sempre inspirada de um alto idealismo operante.

Desde o dia já remoto de muitos séculos, em que as primeiras naus, as velas pandas, inchadas pelo vento de nobres ambições, violaram novos mares, a cruz Sagrada de Cristo acompanhou sempre, num arrebol de esperança, a tarefa entre todas gloriosa de dilatar, com o Império da Pátria, a Fé de Deus verdadeiro.

E nunca, através todas as vicissitudes, quisemos dissociar, em terras de Além-Mar, a nossa missão de civilizar do nosso dever de cristianizar.»



Vossas Ex.^{as} todas, que assistem à reunião de hoje e representam o escol da intelectualidade portuguesa, que são dos príncipes do pensamento nacional, quiseram certamente provar, ao acorrerem à convocação do Ministro das Colónias, que os mais excelentes e escolhidos da nossa terra continuam, orgulhosos das tradições, a compreenderem que os problemas coloniais são bem dignos de solicitarem as especulações da sua inteligência e que bem sabem que a função social dos homens, que recebem de Deus o privilégio do talento, consiste em serem os condutores, os guias, por vezes os obreiros da mentalidade da Grei.»

VIDA CATOLICA

O Cenáculo

Evoquemos nesta quadra de penitência, a lição de humildade que o Cenáculo irradia.

O meigo Rabbi de Nazareth reuniu os discípulos para a celebração da Páscoa judaica.

Os convivas rodeavam a mesa solenes e graves; mas na fisionomia do Rabbi vislumbrava-se um traço de máguia, de funda tristeza, irrompendo através da docilidade que o distinguia: é que elle sabia que era chegada a sua hora.

Jesus previa as agruras de Gethzemani, a traição de Judas, a prisão tumultuária, o julgamento iníquo, a sentença injusta e o horrível suplício no alto da cruz; pois apesar disto exclamava: amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

O Mestre ergue-se da mesa e ajoelha-se diante dos seus discípulos a lavar-lhes os pés.

Pedro hesita em receber tal homenagem.

O que eu faço, disse Jesus, não lhe abranges ainda o alcance — sabê-lo-ás depois.

Era a derrota da vaidade e do orgulho, o eterno ensinamento: sêde humildes para serdes grandes; — amai-vos porque sois irmãos!

Por isso o ateuista Renan afirma que a Ceia é a pedra angular da piedade cristã e o ponto de partida das mais fecundas instituições.

O Cenáculo foi a Cathedral onde a dedicação e a humildade fecundaram os princípios da fraternidade humana.

Aurora nova, de um princípio novo: — amai-vos uns aos outros. O Mundo, porém, penitente na sua fera ingratidão, crucificou-O no alto do calvário.

Os homens foram sempre assim quando recebem os mais altos bemfeitores que vêm espalhar nova luz na consciência universal.

Elevas-te?... pois nós temos a calúnia para te deprimir.

Procedes conforme um justo?... nós temos a intriga para te afrontar.

E's discípulo da Verdade?... nós temos a mentira para te caluniar.

Foi o que succedeu a Jesus nesta luta com o velho mundo pagão e escravizado.

Contra Ele revoltou-se o orgulho dos grandes, feridos pela evangelização da humildade; revoltou-se a «massa» ignara, fari-saica e rancorosa; revoltaram-se os ódios dos tiranos abalados

Domingo de Ramos

Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém

Evangelho:

Tendo-se aproximado de Jerusalém e chegando a Bethfagé próximo ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: «Ide à aldeia que está defronte de vós e logo achareis presa uma jumenta e um jumentinho com ela. Desprendei-os e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma cousa, respondei que o Senhor precisa d'elles; e logo vo-los deixará trazer.» Tudo isto succedeu para que se cumprisse o que tinha sido anunciado pelo Profeta: «Dizei à filha de Sião: Eis aí o teu Rei, que vem a ti cheio de doçura, montado numa jumenta e num jumentinho, filho do que está debaixo do jugo.» E os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara. E trouxeram a jumenta e o jumentinho, e cobriram-nos com os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima. Então, da gente do povo, que era muita, uns estendiam no caminho os seus vestidos, e outros cortavam ramos de árvores e juncavam com elles a passagem; e tanto as gentes que iam adiante como as que iam atrás, gritavam: «Hossana ao Filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hossana nas maiores alturas!»

(S. MATEUS, XXI, 1-9).

Considerações:

Enorme multidão acompanha e precede Jesus Cristo. Homens, mulheres e crianças em alta voz bemdizem o que vem em nome do Senhor, o Messias esperado e ardentemente desejado. E' a gente humilde do povo que constitue este extraordinário cortejo. Uns vão tapetando o chão com seus vestidos, outros com ramos verdes que cortam das árvores. Nunca povo algum fez tanto por seu Rei. A mais rica ornamentação não iguala os ornatos simples e naturais.

Nas homenagens prestadas por ocasião da entrada ou da passagem dum rei ordena-se ao povo que enfeite as ruas; a alegria é, pode dizer-se, intimada. Aqui, nada há que deslumbre a vista. Tudo se faz pelo arrebatamento espontâneo do povo. O aparato é substituído pelas exclamações de alegria e gratidão dos doentes que sarara e dos mortos que ressurgira. Para recomendar esta festa basta a pessoa do Rei e a lembrança dos seus milagres. E, no entanto, os mesmos que aclamam e levam em triunfo Jesus Cristo, em breve soltarão gritos de morte, exclamando: crucifica-o, crucifica-o!

Como é inconstante e frágil o favor dos povos! Que contraste! De tudo isto concluamos, reconhecendo Jesus Cristo como nosso Rei e Senhor e Salvador, e resolvamo-nos a caminhar corajosamente atrás d'ele ainda que esse caminho leve ao Calvário. Entretanto, pela Sagrada Comunhão, entra Jesus triunfantemente em nossos corações, como outrora em Jerusalém. Preparemos-lhe digno acolhimento, pondo debaixo de seus pés todos os nossos pecados por uma confissão sincera, com a resolução inabalável de não voltarmos a crucificá-lo, depois de o termos aclamado, como o povo do seu tempo.

pelos princípios de Justiça que a nova doutrina anuncia.

* * *

O sol no poente escondia-se por entre as indecisas tintas com que um sereno crepúsculo matizava o horizonte; a noite caiu docemente.

Jesus acompanhado dos seus discípulos, passou o vale do Cedro, entrou no jardim de Gethzemani, ao pé do Monte das Oliveiras.

Em cumprimento do mandato do Sinhédrio, os soldados do templo judaico aproximam-se; Judas esquece as palavras do meigo Rabbi e dá o beijo da traição.

O Preceito Novo, era já, apesar desta vilania, fonte eterna de amor e caridade: — Amai-vos uns aos outros.

L. O. C.

Conforme noticiamos realizou-se no passado domingo a Comunhão Pascal colectiva dos Homens Católicos desta cidade, na Basílica de S. Pedro pelas 8 e meia horas, sendo celebrante o rev. sr. dr. Moreira Neto, S. J., que ao Comúnio fez uma brilhante alocação alusiva ao acto.

Como era de esperar compareceram muitos homens católicos.

Pia Associação dos Amigos S. C. de Jesus.

Amanhã realiza-se no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, promovida por esta Pia Associação, uma Conferência, sendo orador o rev. sr. dr. Leonardo de Castro, Provincial dos Franciscanos, pelas 21 horas.

A entrada é feita por convites.

Ciência e Religião

Sob o tema «os homens da Igreja na Ciência Nacional», realizou há dias na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto, uma brilhante conferência, o sr. dr. Luiz de Pina distinto professor da Faculdade de Medicina naquela cidade e nosso ilustre conterrâneo.

Nessa conferência que revela larga erudição, apresentou nomes de tantos homens de séculos passados e nossos contemporâneos, que apesar das suas occupações eclesiásticas muito concorreram para o progresso das Ciências, especialmente na Geografia, Navegação História Nacional, Medicina e Matemática.

Já sabíamos que a Igreja Católica nunca foi inimigo da Ciência e vice-versa; mas agradecemos ao sr. dr. Luiz de Pina a lição magistral e autorizada pelo seu muito saber, que deu a tantos que pretendem apresentar os homens ao serviço da Igreja como inimigos da Ciência ou para ela ineptos.

Desobriga da Academia

Na igreja da Misericórdia, pelas 9,30 do dia 29 realizou-se a comunhão pascal da Academia do Liceu de Martins Sarmiento.

Celebrou a missa e proferiu uma tocante oração, o sr. cónego Alberto Ribeiro da Silva Vasconcelos.

Com mínimas defecções, todos os estudantes do nosso Liceu se abeiraram da sagrada mesa eucarística. Assistiu o vice-reitor do Liceu Martins Sarmiento, dr. Aventino de Faria.

No domingo próximo terá lugar, *imediatamente antes* das missas paroquiais, a benção dos Ramos.

Na Igreja do Carmo, servindo de paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, haverá as costumadas cerimónias da Semana Santa.

A Irmandade de S. Crispim

Tomou posse no dia 25 a mesa da irmandade de S. Crispim que ficou assim constituída: Juiz, padre Augusto Borges de Sá; secretário, João da Silva; tesoureiro dos foros, Domingos Barbosa de Oliveira; tesoureiro da irmandade, Constantino Alves; procurador, Domingos de Freitas; mordomos vagos, Adelino Gaspar e Fortunato Ribeiro Marques; mordomos da cera, António de Freitas e Manuel da Silva Ferreira.

EDUCAÇÃO

Na educação não há método, existem métodos que a personalidade pode variar, e, existe, finalmente o método dos métodos. Enfim, eu gostava de ver as nossas escolas mais activas e o professor mais pessoal, sem ser, criticamente, individual e imperante.

Que a nossa geração, geração nova, irmanada em sentimentos iguais de esperança, de sonhos e de alevantamentos, prometa a si mesma, bem alto, que quer uma Escola Nova — queremos uma escola nova!

A Escola Portuguesa é tradicionalista — tem Deus e Pátria — mas a tradição não serve para tapar a luz do progresso.

Quem me dera, neste momento, poder saudar convosco um «bem» melhor da Escola Portuguesa. O momento que atravessamos é bem preciso e bem expressivo.

Não podemos demarcar bem as etapas que o «presente» carará no futuro que nos espera e que há-de ser feito por nós.

Hoje, mais que nunca, cobre a humanidade uma densa pluviosidade, que nasce em pesadas núvens de incerteza.

Mas há-de haver um pluviómetro que algo nos sossegue e estabeleça bocados de calma nos espíritos que pensam e ainda esperam e querem e exigem o «bem». Os «princípios» chamam-se guardas de salvamento.

Mas êsses princípios são exigem uma condição «sine qua non» — é a condição da vontade de carácter.

A nossa herança, neste sentido não foi das melhores — vemos um passado que ainda impera, deduzido dum século estúpido, embora digam que não e digam o contrário.

Temos provas bem ao perto, e até no nosso meio...

Existem, portanto, para nós, duas missões a cumprir, — desfazer e fazer, desmoronar fachadas, e construir alicerces sólidos.

Com Dervey, o grande pedagogo sociológico, nós temos o dever moral e social de pensar na felicidade das gentes! Já tivemos, creio eu, a sinceridade de pensá-lo.

Tenhamos também a coragem de realizá-lo. E sabeis onde está o ninho dessa felicidade, as telas sensíveis do primeiro acorde dessa harmonia?

Na vossa escola e no vosso trabalho — enlaçados como um meio ao fim, de abrir inteligências e formar caracteres. E então quando a vida e o tempo passarem sobre nós e adiante de nós, no lugar da nossa herança, um facho aceso e luminoso a gritar bem alto, mesmo a quem não queira ouvir, o alto e bom exemplo do valor e dignidade.

JERÓNIMO DE CASTRO.

= GALIZA =

“... a mistura de galegos e lusitanos, não altera em nada a etnologia da Lusitânia antiga, pois que lusitanos e galegos, são povos da mesma raça, com os mesmos usos e costumes

MARTINS SARMENTO.

E' difícil manter a pureza duma raça; mas se é certo que não existe uma raça pura, podemos afoitamente dizer que, em todo o mundo, é a raça portuguesa, uma das mais puras.

Portugal orgulha-se de ter um passado de glória, uma tradição histórica brilhantíssima: uma unidade rática. Já o Povo lusitano se diferenciara bem dos outros povos da península — os seus usos, os seus costumes, os seus caracteres étnicos eram tam diversos dos outros povos da Ibéria, que foi, por assim dizer, o único que opôs tenaz barreira aos romanos.

Foi esta unidade rática, multi-secular, perdendo-se na génese dos primeiros povos, que Portugal deveu o passado glorioso dos lusitanos com Viriato, mais tarde, treze séculos depois, a restauração da Independência com Afonso Henriques, a seguir todo o esforço gigantesco das descobertas e das conquistas, mantendo sempre viva a luta pela Independência!

Muito antes de existir politicamente a nossa Pátria já existia no coração da Raça Lusitana.

*

Em virtude de factores políticos — a parte duma batalha, a imposição dum tratado — contra os próprios factores geográficos e étnicos da península, as fronteiras portuguesas não abrangem todo o território dos Lusitanos. E' o factor étnico o que melhor explica a existência duma nação.

Pois bem, fora das nossas fronteiras políticas ficavam as províncias da Galiza e Zamora, com as mesmas tradições históricas, a mesma literatura, a mesma língua, religião e costumes, sob um domínio estranho, dumas características completamente diversas, senão opostas, contrariadas e oprimidas nas suas aspirações.

Hoje, depois de 8 séculos de cativo, talvez parecesse que o tempo abafaria e apagaria a voz da Raça, afastando de vez para a história, portugueses e galegos. Mas não acontece isso — ainda há bem pouco tempo uma alta intelectualidade galega afirmava: «o Rio Minho é a fronteira entre Portugal e a Espanha, mais é o traço de união entre Portugal e a Galiza!» — apesar dos oitocentos anos decorridos, a Galiza, ainda se conserva fiel «à voz do sangue e à voz da terra!»

*

Vai realizar-se, êste ano, no mês de Junho, em Braga, a semana galaico-minhota.

Do programa faz parte uma feira de amostras entre os dois povos irmãos.

De esperar é que Guimarães se coloque no plano a que tem direito, de maneira que se imponha e mostre que se outrora foi grande nas suas glórias, hoje o não é menos nas suas indústrias.

E' preciso que aos olhos dos galegos, nossos irmãos, o berço da Nacionalidade se saiba impor.

Para isso é preciso que todos os industriais de Guimarães, num sentir de amor à Pátria e à Terra, se façam representar, na sua máxima fôrça, na Feira de Amostras. E, lá, tereis o lugar de honra que com justiça vos será dado, e, creio bem, sereis recompensados com glórias maiores para vós, e porque para vós, também será para a Pátria de que sois filhos! — A. L.

A' MARGEM

«E hoje, como outrora, a Grei sente que, com ela, o escol dos valores intelectuais vive em estreita aliança, na realização do mais elevado objectivo nacional.

Acôrro pois aos intelectuais da minha Pátria para que se compenetrem, inspirem e difundem uma mentalidade Imperial.

Só a Fé pode dessedentar a vossa alma ansiosa de immortalidade, que não a razão: assim também as materialidades não respondam à necessidade de a Nação eternizar a sua obra colectiva.

Eu quero para as colónias do meu País finanças desafogadas, economia florescente mas sobretudo os primores da cultura Portuguesa.

Vai Mestre Agostinho de Campos iniciar a série de conferências na qual vamos reviver a marcha heróica e secular do génio Português através do Mundo.»



Fala em seguida Agostinho de Campos, Mestre da língua Portuguesa e brilhante pedagogo e escritor. A sua magistral lição sobre *A tradição colonial e a politica do Império*, ouvida por uma assembleia distinta e culta, foi muito aplaudida no final. Depois de agradecer ao chefe do Estado, Cardeal Patriarca, etc., a sua comparência à nossa sessão, começa:



«A nossa tradição colonial começa a bem dizer, com a própria promoção do condado portugalense a reino de Portugal. Um dos nossos primeiros reis chamou-se *O Povoador*; outro *O Lavrador*.

O territorio ia sendo povoado, plantado, semeado, cultivado, colonizado, à proporção que os árabes se acossavam do Norte para o Sul. O Algarve foi, longo tempo, considerado como espécie de colónia, ou anexação, designando-se com o título de reino à parte. E, quando se tomaram as praças marroquinas, baptizaram-se estas com o nome de Algarve de além. Os reis de Portugal eram, também, segundo o formulário sobrevivente aos factos, reis dos Algarves de Aquém e de Além-Mar em Africa.



«A tradição colonial portuguesa é cristã — mas de um cristianismo mais atraente, mais europeizante, mais comunicativo, mais tranquilizador para o futuro da raça branca, do que se tivéssemos o cristianismo na bôca e, por essa mesma bôca franzida, cuspiéssemos, sistematicamente, o desprezo das raças diferentes da nossa.

A's navegações e aos descobrimentos se deve a propagação do Cristianismo por todo o Mundo.

DA CIDADADE

SOCIEDADE

ANIVERSARIOS:

Durante a proxima semana fazem anos as Ex.^{mas} Senhoras:

Dia 5 — D. Maria dos Prazeres da Costa Carvalho.

Dia 6 — D. Maria Manuela Abreu Lima.

Dia 7 — D. Leopoldina Correia Cos'a e D. Ermelinda Alves Costa Guimarães Ferreira.

E o Ex.^{mo} Sr.:

Dia 6 — Dr. Pedro Guimarães.

Comemoração do "9 de Abril" em Guimarães

Está assim elaborado o programa comemorativo desta data.

Dia 8, missa às 10 horas na Igreja da Misericórdia, em sufrágio da alma dos que morreram pela Pátria durante a Grande Guerra.

Assistirão as ex.^{mas} autoridades oficiais e colectividades e ex-combatentes.

Será celebrante Monsenhor João António Ribeiro.

Dia 9, venda do "Capacete Miniatura" em Vizela por gentis meninas desta vila.

Dia 11, venda do "Capacete" em Guimarães, para o que percorrerão a cidade algumas alunas do Liceu de Martins Sarmiento e da Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda.

A Comissão Administrativa da Sub-Agência da Liga nesta cidade, espera que o Povo de Guimarães e Vizela acolha estas altruistas jornadas, com a sua nunca desmentida generosidade.

Os donativos recolhidos servirão para minorar a sorte de muitos desventurados ex-combatentes, proporcionando a esta sub-agência maiores possibilidades para alargar a sua acção em benefício dos seus sócios, que muitas vezes, por insuficiência de recursos, não os pode socorrer conforme as suas desditas.

Pelo Municipio

Em sessão de 26 de Março, a Câmara concedeu à Junta da Freguesia de Infias, para este ano, o subsídio de 1.500\$00, destinado à reparação de caminhos e alargamento do cemitério naquela freguesia.

O pedido da Junta, está orçado, na sua totalidade, em 3.000\$00.

JOSÉ TÔRRES CARNEIRO



Tiveram a comparência das pessoas mais distintas e representativas de Guimarães as exéquias que pela alma d'este benemérito se realizaram na pretérita segunda-feira, na igreja da Misericórdia.

Festas Gualterianas

O sr. A. S. Lima publicou em 8 de Março, no *N. de G.*, uma estirada carta, classificando, por deficiência gramatical, com os termos "ingénua", "tôla" e "estapafúrdica", esta nossa elementárrissima afirmação: "sessão de fogo, músicas e iluminações, elementos indispensáveis em qualquer festa, não representam evidentemente números de cartaz".

Rectificamos, no nosso número após a publicação desta carta no *N. de G.* as considerações injustas do sr. A. S. Lima, apontando a deficiência gramatical.

No último número do *N. de G.*, o sr. A. S. Lima publica outra carta, afirmando em resumo: que baseamos a nossa resposta numa "pretensa deficiência gramatical"; que não discutimos os seus pontos de vista; que fomos incorrectos; que deseja saber quem é o autor da resposta.

Respondemos:

1.º Todo o seu arazoado deriva de uma deficiência gramati-

cal, que o adjectivo pretensa nada atenua;

2.º Sendo esta a causa originadora da carta, limitamo-nos a corrigir o erro;

3.º Demonstrado o erro, tiramos a conclusão: cegueira e ignorância.

Finalmente, o autor da resposta, antes dela escrita, fez categórica declaração pela qual se depreende que os artigos de fundo não assinados, e, portanto, as locais d'elles derivadas, são da sua lavra e responsabilidade.

Não somos obrigados a repetir informações já dadas.

Mais afirmamos, que não estamos dispostos a gastar mais espaço com questões de "lana caprina".

São estas picuinhas, como o sr. A. S. Lima afirma, e com o nosso aplauso, que tem contribuído em larguíssima escala para entrar o progresso e o bem-estar da nossa Terra.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Festas das Dores

Como estava anunciado, realizou-se ontem dia 3 na igreja de S. Francisco, a festividade em honra de Nossa Senhora das Dores.

O templo artisticamente engalanado, era de um efeito surpreendente e deslumbrante.

Os panejamentos azues e brancos que decoravam a nave e os altares, imprimiam à ornamentação do templo uma grandeza calma, doce e serêna.

Aos pés de Nossa Senhora, entronizada em local bem visível, estava um altar que era um mimo de graça.

A festividade iniciou-se com o *Stabat-Mater* a que a capela do padre Alaio de Carvalho deu solenidade e imponência.

Em seguida subiu ao púlpito o distinto orador sacro dr. Leonardo de Castro que pronunciou uma eloquente oração, esmaltada de brilhantes imagens literárias.

Foi escutado com religiosa atenção pelos fieis que literalmente enchiam o templo.

Parabéns à entidade promotora, a mesa da V. O. Terceira de S. Francisco, e ao nosso amigo sr. Joaquim da Silva Eugénio, pela distinção e bom gosto com que dirigiu os trabalhos de ornamentação.

Um labirinto inextrincável

Só quem é obrigado pelos seus deveres profissionais, a ler os números de polficia das casas da cidade, pode imaginar a perda de tempo, que a desordenação dos números dos prédios ocasiona.

Há casas sem número de polficia, ruas com o mesmo número repetido, etc.

Era da máxima conveniência que a entidade que superintende neste assunto, a Câmara supomos nós, pusesse cõbro a este caos que há longos anos se arrasta.

Em tudo precisamos de impor ordem.

Interesses de Guimarães

Para Lisboa, onde vão tratar de importantes assuntos para esta terra, dirigem-se, brevemente, o sr. dr. José Francisco dos Santos, digno presidente do Municipio, e o sr. A. L. de Carvalho, activo vereador das obras públicas e instrução.

C O R P O R A T I V I S M O

Considerações Corporativas

O Estado Corporativo, pelo seu carácter orgânico, visa ao enquadramento de todos os trabalhadores nos seus núcleos representativos.

Os operários só integrados nos seus organismos corporativos, os Sindicatos, podem exercer funções de vantagem social.

Fora d'êste campo, do campo do trabalho, que pode lucrar a nação da actividade operária?

Os homens produzem obra útil, benéfica para a colectividade quando se pronunciam sobre questões, problemas, que intimamente conhecem.

Os operários, reunidos nos seus Sindicatos, estudando os problemas da sua profissão, desenvolvem acção proveitosa para o bem público.

E' da boa solução de cada problema particular, que defende a harmonia do todo.

Fora do campo do trabalho, os operários só podem servir, à custa de falazes promessas, de degraus políticos, para alcançarem lugares pingues e vistosos, os seus aduladores.

Assim sucedeu no tempo da democracia liberal.

Será porventura amigo das classes operárias o caudilho das esquerdas espanholas, Largo Caballero, acenando ao povo com promessas fantasistas e irrealizáveis?

E' pomposo, enganador e aliciante o cartaz de propaganda de Largo Caballero: 40 horas de trabalho, dois dias de descanso na semana, salários avultados, etc., etc.

Em Portugal também já tivemos d'êstes falsos amigos do povo, que tudo prometeram para nada realizarem.

Foi amarga a desilusão, depois de tanta esperança.

Só o Estado Corporativo conseguiu traduzir em realidades, a protecção que consagra às classes operárias.

Fiscaliza-se o cumprimento das oito horas.

Assinaram-se já contratos colectivos, — a conquista máxima do operariado —, que abrangem milhares de tanoeiros e conserveiros.

Construíram-se bairros operários, inauguram-se refeições a preços módicos para sócios dos Sindicatos.

E acima de tudo, assegura-se a ordem, condição indispensável de trabalho e prosperidade.

A desordem, como na Espanha, gera a ruína, a miséria social.

Resta apenas que a obra começada se alargue, se generalize, de forma a abranger, não milhares de operários, mas todos os trabalhadores portugueses.

A' MARGEM

A obra dos Missionários portugueses «é uma epopeia de esforços e de sacrifícios, iniciada logo depois da conquista de Ceuta, em 1415, prosseguida à proporção que o mundo se ia alargando com os Descobrimientos e que nos nossos dias se continua, com o mesmo entusiasmo e a mesma fé religiosa e civilizadora».

Da segunda, verdadeira apoteose ao Estado Corporativo, vibrante, entusiástica, vincamos algumas das afirmações desassombradas que se lá fizeram.

Do discurso do dr. Augusto Pires de Lima: «**Eu tenho a impressão**, meus senhores, **que o Estado Novo tem como principal alicerce**, no presente e no futuro, **a organização das classes através do Ministério das Corporações.**»

Do sr. Pedro M. da Fonseca, secretário da A. Comercial do Porto e presidente dum Grémio: «**Não há deveres sem direitos! E' preciso, é necessário, sem o que nenhuma realização concreta é possível, que todas as actividades patronais se organizem, se disciplinem**, procurando por intermédio dos seus órgãos representativos abolir as concorrências desenfreadas, os aviltamentos de preços, as deslealdades, a desorganização dos mercados, em suma as insofridas tendências dum predomínio pernicioso de modo que lhes fique garantido o lucro justo e sejam coagidos a guardá-lo pelo império da lei, **para que assim possam fazer uma mais larga distribuição de benefícios pelos seus colaboradores, remunerando o trabalho com mais dignidade e com maior justiça.**»

Do empregado bancário, sr. António Ramos: «**As classes trabalhadoras devem ser exigentes — embora dentro da ordem, recorrendo apenas aos seus organismos sindicais.**»

Continuará a haver ricos e pobres, pois não é nesse facto que está o mal, mas sim nos maus processos de conquista e na má distribuição das riquezas. — O capital cegou tanto, tem mostrado tanto a sua incapacidade directiva, que é necessário, para o salvar, corrigi-lo com mão de ferro.

— **Refleta o capital e decida;**

as classes trabalhadoras, atentas e disciplinadas, esperam justiça.

Do sr. Luiz Mourão, em nome dos S. N. do Porto:

«O trabalhador doutroa corria, andava atrás duma miragem, oásis que lhe fugia, aumentando em cada época uma hora a mais de desespero.

O trabalhador português, começa a crer em coisas diversas, e ser utilidade nacional, a compreender a interdependência de todos os factores económicos; a saber que a Nação precisa de ordem e já exige esta.

Aceita o juro; aceita o lucro justo e respeita o empregário.

Uma só coisa não compreende: a relação entre o seu salário pequeno, que não chega, que é miserável, e certas fortunas que se mostram avessas, no seu crescer de cada dia, a todo o sentimento de justiça e a toda a noção de caridade.

— Há já S. N. e Grémios. Activa-se a constituição de uns e de outros. E' verdade. Mas, coisa assombrosa!, aos Sindicatos e aos Grémios, falta doutrina; aos Sindicatos sobra esperança e aos Grémios que existem sobram realidades. Quer dizer, enquanto o trabalhador olha o alto á espera da garantia que lhe assegurará seu pão de amanhã, o Grémio vai realizando seu mealheiro de hoje. E enquanto isto se dá, os doutriadores vão vivendo sua hora de sonho, servindo, uns, na esperança de servir outros, gabinetes, secretarias, papéis!

Elemento primário, de sentido político e de sentido económico, um S. N. é, sem quebra de respeito pelo indivíduo, o primeiro e único patamar orgânico do trabalho.

Interesses comuns: trabalho, salário justo, assistência, seguro na invalidez e na velhice. Pão nosso de cada dia e de cada um de nós. Isto é um Sindicato.

Define o Sindicato — templo e oficina, oração e trabalho.

Do ex.^{mo} sr. Ministro das Corporações: «**eu não trago palavras; assinalo factos. Não anuncio promessas ou vagas aspirações: apenas verifico comvosco que se vai cumprindo seriamente o que seria e prudentemente se proclama ao País, como programa mínimo de benefícios sociais, no plano dos grandes princípios de moral e de**

FESTA DO TRABALHO

Realiza-se êste ano na laboriosa e histórica cidade de Barcelos, nos dias 1, 2 e 3 de Maio, a Festa do Trabalho do distrito de Braga.

Do programa faz parte o cortejo de milhares de trabalhadores, com cem carros alegóricos às principais actividades industriais do nosso distrito.

Guimarães, que na sua Festa do Trabalho do ano passado recebeu uma brilhante embaixada de trabalhadores barcelenses, precisa de retribuir, com distinção e galhardia esta subida gentileza.

Sabemos já que alguns Sindicatos e industriais projectam levar a Barcelos condigna representação.

Nesta hora em que a união e a harmonia da família portuguesa tanto se impõe, prestemos a esta «Festa-símbolo» da confraternização do capital e do trabalho, o calor da nossa fé nacionalista.

justiça que orientam a marcha da revolução nacional.

Ontem inaugurava-se nesta cidade o bairro das casas económicas «Doutor Oliveira Salazar»; hoje abrem-se aos trabalhadores portuenses as portas do bairro das «Condomínias»; amanhã chegará a vez aos restantes quatro bairros. Simultaneamente vão-se concluindo os novos bairros de Campolide e Ajuda em Lisboa, os de Vila Viçosa, Braga, Portimão e Bragança; dotam-se convenientemente os futuros bairros de Guimarães e Setúbal; prevê-se e estuda-se a construção de bairros em Covilhã, Matosinhos, Vila Real de Santo António e Olhão.

Discorre sobre salário mínimo, salientando que, «embora esse salário mínimo encarado em qualidade não passe duma abstracção, o Estado não deixará de intervir com a solicitude e energia que as circunstâncias recomendarem quando as entidades patronais, por má compreensão dos seus deveres ou por dificuldades sérias que impeçam a realização de entendimentos colectivos, não souberem, não puderem ou não quiserem evitar um injusto envelhecimento dos salários e a miséria das classes trabalhadoras.»

Acrescenta que «em três anos de verdade e de trabalho honesto e consciente se tem feito mais em favor do trabalhador português do que num século inteiro de promessas e fantasias.»

MOVIMENTO ESCUTISTA

Inaugurou-se no domingo passado nesta cidade, o grupo de escuteiros n.º 116 — Senhora de Oliveira.

Festa impressionante, teve a realçá-la a alma da juventude, vibrante e entusiástica, imprimindo a todos os números do programa beleza e emoção.

De manhã, pelas 9 horas, realizou-se na igreja do Carmo a promessa dos novos escuteiros, seguida de comunhão.

Pronunciou uma empolgante oração, o sr. dr. cónego Martins Gonçalves.

Após esta homenagem a Deus, efectuou-se de tarde a homenagem à Pátria.

Todo o núcleo de Guimarães e deputações escutistas de S. Miguel das Aves, Pôrto e Braga organizaram um cortejo pelas 15 horas, com a banda das Oficinas de S. José à frente, que percorreu as ruas da cidade desde o Priorado, sede do novo grupo, até ao Toural, indo postar-se à volta da Estátua de D. Afonso Henriques.

Uma enorme multidão guarnecia o círculo de escutas.

Junto do pedestal da estátua do fundador da nacionalidade o sr. dr. cónego Martins Gonçalves, secretário geral do C. N. E., proferiu uma vibrante alocução patriótica.

Afirmou que é urgente reformar a nossa sociedade, criar almas novas, de razão iluminada pela fé.

Quasi a terminar, num repto de oratória, cantou um hino entusiástico a esta Pátria eterna, que uma História de 8 séculos cimeta em bases imorrederas.

As últimas palavras do orador são coroadas por uma vibrante revoada de palmas pela multidão que enchia o jardim do Toural.

Em seguida os escuteiros entoaram com alegria canções patrióticas e escutistas.

Após a grande saudação, o cortejo organizou-se em direcção à sede do grupo de Nossa Senhora de Oliveira.

Notas — Tomaram parte nestas solenidades o sr. padre Aloísio de Sousa e capitão Graciliano Marques, membros da Junta Regional; José Augusto e António Parente, do Pôrto e Cândido Lopes, chefe do clan de seniores de Braga.

Os srs. padre Aloísio de Sousa e capitão Graciliano Marques, inspecionaram o núcleo de Guimarães.

Pelas 17 horas reuniu nesta cidade a Junta Central do C. N. E., com a presença de todos os membros, excepto o comissário nacional, D. José de Lencastrre.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL URBANA

Fez-se uma larga e intensa especulação à roda da revisão a que se procedeu das matrizes prediais urbanas.

Falou-se dum suposto agravamento brutal do imposto e considerou-se como regra o exagero nas avaliações.

Ainda no mês de Janeiro, o Ministério das Finanças, em nota oficial, respondeu por forma completa à campanha de descrédito das intenções do Governo.

Explicou, à face dos números, as consequências efectivas do novo regime adoptado.

Provou que o ligeiro aumento de 6 mil e tantos contos proveniente de tributação dos prédios até agora omissos das matrizes e que não pagavam contribuição (o que não era justo nem razoável) representava, de facto, o único acréscimo real do imposto.

Para os prédios já anteriormente inscritos o aumento do rendimento colectável, compensado pela baixa da taxa de contribuição não se traduziu, efectivamente, num agravamento. Depois das correcções resultantes das reclamações contra excesso de valores e contra duplicações, o produto da contribuição não deve ser superior ao que foi no último ano económico.

Quanto aos outros prédios — cerca de 300 mil — que não pagavam um centavo e agora passam a pagar como os outros não parecerá a ninguém recomendável manter-se essa situação de privilégio, numa época em que a igualdade dos cidadãos se reputa princípio fundamental de todas as constituições.

Igualmente demonstrou a nota officiosa referida que nem a siza nem o imposto sobre as sucessões viriam a ser agravados pelos novos valores atribuídos à propriedade urbana.

Assim, de um modo geral, ficou sobelamente provado que a reforma das matrizes não impôs ao país um aumento de sacrifícios.

Mas não pode contestar-se que, em numerosos casos, as avaliações não obedeceram a um critério irreprensível.

Ou por má interpretação das instruções superiores, ou pelo desejo muito propositado de prejudicar a acção do Governo, tornando-a impopular e desfigurando as suas intenções, houve avaliadores que exageraram os rendimentos sistematicamente, ou que não mantiveram em todas as avaliações o mesmo critério, de onde resultaram, aqui e além desigualdades flagrantes.

Isto mesmo o reconheceu o Governo, com notável espírito de justiça.

E, porque o reconheceu, entendeu dever facilitar aos contribuintes a reclamação contra as avaliações defeituosas, publicando o decreto-lei n.º 26.338 que foi recentemente ratificado pela Assembleia Nacional.

Vem este decreto ao encontro das aspirações de numerosos contribuintes que não tinham apresentado em tempo devido as suas reclamações, por falta de iniciativa ou por ignorância dos meios de defesa.

Abre-se um novo período de reclamações no mês de Abril do corrente ano e facilitam-se as reclamações, diminuindo as formalidades. Mais, determina-se que o período de três anos durante o qual ficarão em vigor as novas matrizes só começará na altura que o Governo vier a fixar. Desta forma se pretende que só se tornem estáveis os valores quando todos os contribuintes tiverem tido tempo de os fazer corrigir, tornando as matrizes o mais perfeitas possível.

Com o espírito de favorecer o contribuinte, permite-se mesmo a anulação parcial da colecta no ano de 1936, sempre que se verifique um grande exagero da primeira avaliação. Os que houverem pago de mais serão reembolsados do que tiverem indevidamente pago.

Por esta forma deu o Governo um exemplo notável de moderação e de amor da equidade.

Deixará o Estado de cobrar alguns milhares de contos, mas evitar-se-á sobrecarregar indevidamente os proprietários urbanos, já tão sensivelmente afectados.

Felicite-se o país por que a situação do tesouro permita um sacrifício que a justiça impõe e lembre-se de que só um governo que o desafogo financeiro tranquiliza pode ter gestos desta despreendida isenção.

Avaliação da propriedade urbana

Durante o próximo mês de Abril acham-se em reclamação as cadernetas de avaliação da propriedade urbana, podendo os interessados reclamar, em papel selado, com os seguintes fundamentos:

Indevida inclusão de prédio na caderneta por se não dever considerar urbano.

Erro na designação das pessoas, moradas ou na descrição dos prédios quer do próprio, quer de outrem.

Injusta fixação do rendimento colectável ou da percentagem atribuída para despesas de conservação.

Omissão de quaisquer foros, censos, pensões ou outros encargos.

Omissão de qualquer prédio, quer do reclamante, quer de terceiro.

Não averbamento da isenção, relativamente a prédios isentos por lei.

Inscrição duplicada.

A reclamação verbal é também permitida sobre exagero de rendimento colectável desde que o prédio urbano não esteja inscrito na caderneta com o rendimento colectável superior a 200\$00, ou quando a soma dos rendimentos colectáveis dos prédios urbanos do contribuinte no concelho não exceda 360\$00.

CONFERENCIA DE S. VICENTE DE PAULO DE GUIMARÃIS (HOMENS)

Desta prestante colectividade recebemos o seu relatório, cujos números traduzem uma obra de grande alcance social.

Ação silenciosa, mas elevada, é bem digna do auxílio de todos os vimaranenses.

Receita: — Saldo de 1934, 371\$60; Colectas semanais entre os Confrades, 296\$85; Cobrança dos subscritores anuais, 1.534\$90; Esmolas recebidas, 1.643\$50.

Soma, 3.846\$85.

Despesa: — 200 alqueires de milho, 2.440\$00; Moagem e cozedura, 339\$00; Géneros de mercearia distribuídos, 362\$50; Rendidas de casas pagas, 351\$50; Socorros extraordinários em número, 160\$00; Missas, 35\$00; Expediente e Relatórios, 98\$90; Saldo para 1936, 24\$85. Soma, 3.846\$85.

Esmolas extraordinárias recebidas durante o ano de 1935:

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, 300\$00; Bento dos Santos Costa & C.ª, L.ª, 200\$; De um anónimo, por intermédio do Rev.º Sr. Padre António Pires Quesado, 150\$00; Um anónimo, 135\$00; Da Fábrica de Fiação e Tecidos do Cavalinho, em sufrágio do seu sócio sr. José Martins Fernandes, 100\$00; De Armando da Silva Paúl e sua ex.ª irmã, em sufrágio da alma de seu avô Bernardino Gomes da Silva, 100\$00; António José de Oliveira, Filhos, 100\$00; Alberto da Silva Caldas, residente em S. Paulo, Brasil, por intermédio do rev.º sr. Padre José Carlos S. de Almeida, 100\$00; Dr. João Martins de Freitas, em sufrágio de sua irmã D. Ana Martins de Freitas, 100\$00; Luiz Cardoso Macedo M. de Menezes, 100\$00; Domingos António Leite de Freitas, em sufrágio da alma de seu pai, 50\$00; Viúva, irmãos e cunhados de José Martins Fernandes, 50\$00; D. Eulália Cunha Costa e Melo, em sufrágio da alma de seu marido João Fernandes de Melo, no 8.º aniversário da sua morte, 50\$00; D. Leonor Lucinda de Oliveira Cardoso, 35\$00; Dr. António de Jesus Gonçalves, 25\$00; Venda de 5 músicas oferecidas 25\$00, Um anónimo, 12\$50; Um anónimo, 10\$00. Total, 1.643\$50.

Várias ofertas: — Alberto Pimenta Machado, 12 cobertores de algodão; Teixeira de Abreu & C.ª, 12 mantas; Luiz Cardoso M. M. de Menezes, 6 mantas; Um anónimo, 5 mantas; Luiz Cardoso M. M. de Menezes, 15 alqueires de milho; D. Albertina S. Lisboa, do Pôrto, 10 exemplares de Música, (Revertendo o produto da sua venda para esta Conferência).

Movimento de socorros: — Pobres socorridos em 31-12-934, 55; Admitidos em 1935, 4; Suspenso por não necessitarem dos socorros, 3; Falecidos durante o ano, 4; Pobres socorridos com subsídios em dinheiro, 52; Transitam para 1936, 52.

As minhas Impressões

Católicos de nome e católicos de verdade

Portugal foi grande, emquanto que a unidade na Fé o guiou aos seus maiores destinos: Fé inquebrantável, verdadeira e sincera em Cristo Filho de Deus Criador. E tê-lo-ia sido sempre, se nunca se tivesse arredado desse caminho.

A decadência surgiu, quando no tronco forte da unidade nacional começaram a ser feitos os primeiros enxertos da heresia estrangeira, semeada pelo orgulho desmedido, pela ambição e despeito de alguns maus cristãos.

A medida, também, que os falsos princípios da revolução francesa se foram espalhando e contaminando os povos, princípios que nada de bom trouxeram à humanidade, a unidade na Fé nacional foi enfraquecendo e daí vem a decadência da Pátria. E, então, muitos católicos de verdade passaram a ser simplesmente católicos de nome, pelo seu indiferentismo e transigência com o inimigo. Muitos chegam a ter vergonha de manifestar a sua crença e calam-se, cobardemente, diante de qualquer sábio de lareira que ignora as verdades do Evangelho. Mas piores ainda têm sido aqueles que, dizendo-se católicos, não procuram harmonizar os actos da sua vida com a doutrina de Jesus Cristo.

O Estado Novo veio cristianizar o país e é preciso que os católicos de nome voltem a ser católicos de verdade.

E' preciso que Portugal retome o caminho perdido.

E' preciso que volte a haver a mesma unidade na fé cristã, porque só ela torna os povos grandes, dignos e fortes.

Em Portugal, poucos são os que se não dizem católicos, mas há muitos que o não são de verdade. Mandam os filhos à igreja a baptizar, vão à missa, mas fazem isto com a mesma sem cerimónia, como que se tratasse da inscrição num clube de recreio, ou de assistir a qualquer espectáculo público. Deixam a impressão de que obedecem mais a um hábito ou costume do povo, do que a um dever de consciência, perante o nosso Criador a quem teremos de prestar contas.

Crer ou não crer, eis a questão. Se cremos, será necessário pormos os actos da nossa vida o mais possível de harmonia com a doutrina que professamos. Se não cremos, isso então é outro mundo, porque o que não crê só vê a terra que calca e que num dia próximo lhe há-de apodrecer o cadáver. Há, portanto, um abismo entre o que crê e o que não crê. Mas aquele que diz ser crente e leva vida de pagão mente a si mesmo, enganase a si próprio.

Se cada um de nós, mesmo

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO	
Partidas de Guimarães	Partidas do Pôrto
8 h., 12,30 e 18,15	8 h., 10,15 e 17
Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM	
Partida de Guimarães	Partida da Póvoa
7,30 h.	17,30 h.
Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM	
Partidas de Guimarães	Partidas de Pevidem
7,35 h., 12 e 19	8 h., 12,30 e 19,30

A Comissão da Penha apreciada no 1.º Congresso Nacional de Turismo

E' deveras enaltecida e lisonjeira para esta terra e em especial para os membros da comissão de turismo da Penha as palavras com que o ilustre congressista Vieira Guimarães se dignou apreciar a actividade turística da Comissão da Penha.

Afirma Sua Ex.ª que o caciquismo com os seus maléficis efeitos, tem atrofiado o turismo em lugar de o desenvolver.

Quasi todas as comissões aplicam os dinheiros em futilidades e em obras caprichosas, conforme a personalidade a que elles preside, mais por mera indicação política de que por reconhecido mérito.

Desta regra geral o congressista Vieira Guimarães apenas excepção a de Coimbra e a comissão de iniciativa da cidade de Guimarães, presidida pelo nosso amigo sr. dr. José Francisco dos Santos, valorosa e activamente coadjuvado pelos srs. José Gilberto Pereira e João Barreira.

«Duas comissões, declara o congressista Vieira Guimarães, principalmente conhecemos nós que, por suas belas e apropriadas obras, aqui as referimos com os louvores da mais merecida justiça».

«Uma é a comissão de iniciativa da cidade de Guimarães que, dedicada, afanosa e criteriosamente, vai fazendo da Penha uma estância que não serão precisos muitos anos para que não rivalize com as mais afamadas de Portugal e do estrangeiro».

Transcrevemos com satisfação estas palavras de justiça.

dentro da posição que ocupa na sociedade, se dispusesse a conduzir-se na vida, segundo os princípios da moral cristã, muitos dos mais graves problemas sociais que asoberbam o mundo inteiro, no momento actual, seriam naturalmente resolvidos, sem grande dificuldade.

Reconduza-se o mundo a Cristo e o mundo será salvo.

ALMEIDA GUIMARÃIS.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

2.ª Publicação

No dia 19 do próximo mês de Abril, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, do imóvel em seguida mencionado, penhorado ao executado José Dias de Lima, casado, proprietário, do lugar da Toutinheira, freguesia de Tagilde, desta comarca, nos autos de execução por saldo de contas que lhe move o M.º Curador Geral dos Orfãos nesta comarca, e que será entregue a quem maior lanço oferecer acima da avaliação:

Imóvel

Prédio composto de uma casa sobradada, telhada, com salas, cozinha e lojas, terra de horta com árvores de fruta, árvores avidadas e uma ramada de madeira e arame, sito no lugar do Souto da Cruz, freguesia de Tagilde, desta comarca, e descrito na Conservatória sob o n.º 16:995, do L.º B-50, a fls. 165. Vai à praça pela quantia de 5:000\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 23 de Março de 1936.

O chefe da 3.ª secção,
Luiz Candido Lopes.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

Arrematação almoeda

No dia 19 do próximo mês de Abril, pelas 12 horas e à porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado à rua do Gravador Molarinho, tem de proceder-se à arrematação em almoeda, por virtude da carta precatória vinda a êste juízo do da 3.ª vara cível da comarca do Pôrto e dimanada da acção executiva por extracto de factura, que o Banco Pinto & Soto Maior, com sede em Lisboa e filial na cidade do Pôrto, move contra Angelo da Silva, casado, comerciante, residente em S. Bento de Donim, Caldas das Taipas, de diversos mobiliários, roupas, louças e géneros de consumo, penhorados ao executado e que serão entregues a quem por êles mais oferecer acima do preço porque foram avaliados.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos do executado.

Guimarães, 26 de Março de 1926.

O chefe interino da 1.ª secção,
Eurípedes Chagas de Brito.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

A LAVOURA

Só conseguem produções boas e nacionais, os que empregam os Adubos da Sociedade Adubos Norte, Lim.ª vendidos no depósito em Guimarães, onde se pode encontrar o seguinte:

Adubos simples, e compostos.

Adubos Concentrados Nifohalimo (para batata).

Batatas de semente (alegria do lavrador) e outras variedades.

Para entrega imediata no depositario João de Freitas Torres Brandão, Rua de S. Dâmaso 65-67 — Guimarães.

O que querem e precisam os trabalhadores

Se o trabalho nobilita o homem, — o que não pômos em dúvida — é preciso que as suas dispendidas energias sejam devidamente recompensadas.

Não sendo assim o trabalho desvaloriza-se.

O operário que trabalha toda a semana numa conquista heróica do pão de cada dia, muitas vezes com enorme sacrifício e no fim aperta na mão o mísero resultado do seu trabalho, considera-se vítima da sociedade em que vive, em consequência do que se sente impellido para a prática de acções e vícios que as leis morais e cívicas lhe proíbem.

Pagar ao trabalhador o indispensável às suas mais urgentes necessidades, satisfazer as suas mais justas reclamações, dentro dum puro espírito corporativo é dar o grande passo para a paz social e maior dignificação do proletariado. Trabalhar toda a vida, e a vida passar privações, e no fim de tanto labutar ter de estender a mão à caridade, é cruel!

As classes trabalhadoras organizadas dentro do Estado Corporativo não querem automóveis nem deixar de trabalhar, querem sòmente pão e justiça. Protecção e invalidez eis o problema.

E isso a quem compete?

A nós e só a nós compete conseguir este benefício, com a colaboração patronal.

Mas não com violências pois são condenadas pelo bom senso e porque o Estado Corporativo renega por todos os meios a luta de classes.

As regalias conseguidas pela violência são efémeras, mas duradouras se nós nos sindicalizarmos.

Todos unidos, em breve veremos garantidos os nossos direitos e consequentemente o bem dos nossos filhos.

Mãos à obra!

M. M.

CASA DOS POBRES

Recebemos o relatório da gerência de 1934-35, desta notável instituição.

Expressivo e claro documento, traduz uma obra de grandioso significado social.

Pela leitura do relatório avalia-se a amplitude de acção beneficente das diversas modalidades de assistência que a «Casa dos Pobres» desenvolve.

Do capítulo receita transcrevemos as seguintes verbas:

Subsídio da Câmara Municipal, 61.864\$05; subsídio da Administração do Concelho, 11.500\$00; subscritores, 98.490\$00; rendimento do quintal, 2.328\$40; doativos, 21.242\$00.

Aos directores da «Casa dos Pobres», os nossos parabens.

DO CONCELHO

Brito, 22-3-936.

No dia 19 do corrente, realizou a freguesia de Brito a sua imponente festa anual em honra do SS. Coração de Jesus.

A sua igreja paroquial eleva-se, simples, mas airosas e prasenteira, numa eminência central, dominando quasi toda a freguesia. Da sua torre se avistam largos horizontes — o Sameiro, a Cabreira, a Penha, Santo Tirso, etc.

Interiormente é um mimo de graça e beleza, devido aos esforços do seu actual rev. pároco que soube chamar os paroquianos ao cumprimento do seu dever — *ter a casa de Deus e sua casa* — com o devido asseio e luxo até.

A paroquial de Brito merece uma visita forasteira para incentivo dos outros centros populacionais do concelho. Nela se admira um lindo altar, estilo Renascença, cuja tampa do Sacrário, mostra uma formosa escultura em miniatura que merecia as honras dum museu.

O povo da aldeia não tem cafés ou clubes, onde, por vezes, o ameno cavaco se transforma em má lingua, que deturpa, achincalha e perverte, ou em foco pestilante de revolução social que as Pátrias atassalha.

Não tem teatro nem assembleas que, devendo ser escolas de cultura social, mais arruinam que edificam. Mas tem a sua Igreja Paroquial, onde assiste à Representação, sempre antiga e sempre nova, do Sacrifício Incruento da Cruz; ouve as palavras do seu pároco que, com o coração nas mãos, o adverte dos seus deveres profissionais e de moral social e cristã.

Ali exhibe os seus orfeões, em cânticos sagrados que também são patrióticos. Nos adros conversam sobre assuntos de vida social e até política. Talvez nem todos tenham pensado neste grande elo do «Vinculo Político» dum Pátria.

E' que na Igreja Paroquial está Deus — Vivo e presente — acalentando e inspirando o povo a ser simples e trabalhador, crente e patriótico.

Mas vamos à Festa.

Desde o dia 15 que este povo de Brito vinha sendo instruído e preparado para o cumprimento dos seus deveres de católico — a confissão anual e comunhão Pascal.

Uma série de conferências lhe foram dadas pela palavra fluente e ardorosa do rev. pároco de Jesufrei — Famacião.

No dia 18, à tarde, acorrem à igreja as zeladoras dos altares paroquiais que os adornam com arte, mimo e beleza. São as principais senhoras da freguesia que aliam à sua riqueza o zelo da Casa de Deus.

Cá fora, os fortes rapazes da terra levantam mastros, dispõem festões de flores e verdura, ban-

deiras multicolores etc. — tudo preparado pelas mãos puras e diligentes das moças, todas ufanas do seu mistér.

Como é lindo ver, na aldeia, a vespera duma festa!...

Mo dia 19, logo de manhã, se realizou a Comunhão Solene das crianças.

Quem tem visto tam bela e empolgante cerimónia religiosa?... A renovação das promessas do Baptismo que evoca saúdosas reminiscências da nossa infância!... A comovente cena dos «Perdões» em que, mesmo nos olhos, mais rebeldes, afloram lágrimas de amor!...

Em seguida, a Comunhão Pascal dos adultos, durante a qual, um bem ensaiado grupo de vozes brancas entoou lindos cânticos a 2 e 3 vozes, adequados ao acto, alternando o povo com fervor e entusiasmo, e estando ao órgão o sr. Professor da freguesia.

A's 11 horas, missa solene pelo mesmo grupo. A' tarde, terço, sermão e imponente procissão eucarística que percorreu os lugares do costume, adornados, a primor, pelos rapazes e moças da freguesia.

Digno era de ver-se a grandiosidade de tal cortejo, entoando belos cânticos eucarísticos!

São assim as aldeias do nosso «rincão minhoto» — crentes, entusiastas e trabalhadoras.

No final, foi dada a Benção Eucarística, como remate de tam santa festa que inolvidáveis recordações deixou em todo o povo. — C.

Urgez, 30.

Não venho com esta correspondência, dar a minha adesão ao Estado Novo; a minha admiração por Salazar desde ha muito está provada com a colaboração que tenho oferecido ao *Berço da Grei*.

Hoje, assumo o lugar de correspondente de *O Berço da Grei* nesta freguesia, de que procurarei ser um acérrimo defensor. Assim o exige a minha qualidade de paroquiano.

A minha apresentação está feita, pois nem para o director do brilhante semanário, nem para os seus leitores, sou um desconhecido.

Falecimento. — Após uma doença que há longo tempo a vinha mimando, faleceu nesta freguesia a Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa Maria da Silva, esposa do conceituado industrial Sr. João Machado Guimarães, nosso particular amigo.

A finada era mãe dos nossos presados amigos Srs. Manuel Machado, Antonio Machado e Manuel Machado Júnior e das Sr.^{as} Amélia Rosa da Silva, Ana Rosa da Silva, Emilia Rosa da Silva (ausente no Rio de Janeiro) e Joana Rosa da Silva, e era sogra das Sr.^{as} Emilia da Silva, Rosa Baptista Dias, Domingos Pereira de Lima, João Rodrigues Marques e Antonio Fernandes.

O funeral realizou-se no sabado passado e teve a assistência de pessoas de grande respeitabilidade.

Era uma senhora de muitas simpatias e conhecimentos.

O Berço da Grei fez-se representar no funeral pelo seu correspondente e apresenta a toda a familia as as nossas sentidas condulências.

Nascimento. — Deu à luz uma robusta criancinha do sexo feminino a esposa do nosso conceituado amigo e assinante de *O Berço da Grei* Sr. Joaquim Salgado Guimarães.

Serviram de padrinhos os seus tios Ex.^{mo} Sr. Heitor Fernandes Guimarães e Ex.^{ma} Sr.^a D. Irene Gomes Fernandes Guimarães. — C.

Nespereira.

São raros os domingos em que não aconteçam casos originados pela embriaguês.

Em certos lugares juntam-se uns «homenzinhos» para jugar a «sueca», bebem excessivamente, não sei se por vaidade, capricho ou vício, e travam-se de razões sem razão compreensível.

Discutem em linguagem desboçada, pouco decente para o meio, e por fim trocam alguns sopapos.

No domingo passado, teve origem em um destes «lugares» uma das muitas tragédias que ensombream a vida das famílias.

Antonio Alves, depois de emborcados os últimos decilitros, foi para casa onde o esperava Maria da Conceição, consigo há pouco casada.

O marido alcoolizado lança as mãos ao pescoço da esposa, tira-lhe o cordão de ouro e sai porta fora, levando-o consigo, com grande espanto da recém-casada e da vizinhança.

Passou-se a tarde daquele dia, a noite, e como o «exemplar» marido não voltasse, a mulher mandou telefonar para diversas ourivesarias, prevenindo-as.

Foi capturado por um membro da autoridade quando oferecia o objecto de ouro a umas mulheres de má reputação.

Esta desmoralização originada pela embriaguês, precisa de ser combatida tenazmente.

Polvoreira.

Já se encontra melhor, após grave enfermidade, o Ex.^{mo} Sr. Guilherme José Peixoto, abastado proprietário da freguesia de Polvoreira e tio do nosso correspondente naquela localidade.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

— O tempo continua de rigoroso inverno.

Grossas bâtegas batem no meu telhado, não me deixando ouvir a voz do cuco, anunciando a Primavera. — C.